

RAYNAN AUGUSTO NUNES

**LIVRO-REPORTAGEM**  
**SEARA: CARNAVAL QUE CULTIVA VIDAS**

Viçosa – MG

Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

2015

RAYNAN AUGUSTO NUNES

**LIVRO-REPORTAGEM**  
**SEARA: CARNAVAL QUE CULTIVA VIDAS**

Artigo apresentado ao Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Profº Dr. Ernane Corrêa Rabelo

Viçosa – MG

Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

2015

## **RESUMO**

O Seara, encontro aberto de Carnaval de Viçosa-MG, é promovido há 27 anos pela Renovação Carismática Católica de Viçosa, sendo um dos pioneiros no país. O evento religioso é realizado dentro da Universidade Federal de Viçosa, uma tradição que move milhares de pessoas da própria cidade, de muitos municípios mineiros, de outros estados e participantes de fora do Brasil. Uma história que merece ser contada e, para tal, utilizamos o veículo livro-reportagem, espaço privilegiado do uso da linguagem escrita e do relato em profundidade a partir da união de dois grandes campos do saber: o Jornalismo e a Literatura. O Livro-reportagem *Seara: Carnaval que cultiva vidas* busca registrar a história do Seara contando os testemunhos de vida e almeja fazer o evento mais conhecido.

## **PALAVRAS-CHAVE**

Jornalismo; literatura; livro-reportagem; Seara

## **RESUMEN**

El Seara, retiro abierto de Carnaval de Viçosa, es promocionado hace 27 años por la Renovación Católica Carismática de Viçosa, siendo uno de los pioneros en el país. El evento religioso es realizado dentro de la Universidad Federal de Viçosa, una tradición que mueve miles de personas de la propia ciudad, de muchos pueblos mineiros, de otros estados y participantes de afueras de Brasil. Una historia que merece ser contada y, para tal, utilizamos el vehículo libro-reportaje, espacio privilegiado del uso del lenguaje escrito y del relato profundizado a partir de la unión de dos grandes campos del saber: el Periodismo y la Literatura. El libro-reportaje *Seara: Carnaval que cultiva vidas* busca registrar la historia del Seara contando los testimonios de vida y propone hacer el evento más conocido.

## **PALABRAS-CLAVES**

Periodismo; literatura; libro-reportaje; Seara

## 1 - Jornalismo e Literatura

“O ideal seria que a poesia fosse cada vez mais informativa e o jornalismo cada vez mais poético”, foi o que afirmou o romancista colombiano Gabriel Garcia Márquez em resposta à interrogação de um repórter sobre a relação entre literatura e jornalismo (CASTRO, GALENO, 2005). Para falar do encontro dessas duas áreas, a professora e investigadora espanhola Encarnación García de León, no início do seu artigo *Literatura Periodística o Periodismo Literario*, também cita a García Márquez:

Autores da classe de G. García Márquez reconhecem que o jornalismo pode utilizar certos recursos que legitimam a verossimilhança da história que se narra. Nas palavras de “Gabo”: “Um escritor está permitido a tudo, sempre que é capaz de fazer-se crer. Isso, em geral, é mais bem alcançado com o auxílio de certas técnicas jornalísticas mediante a apoiar-se em elementos da realidade imediata”. A emoção do real impregna a obra literária, que ao apresentar uma história verossímil passa a oferecer um fato real com todos os seus detalhes, potencializando inevitavelmente o interesse do leitor (GARCÍA DE LEÓN, p. 335).

Esses dois campos se misturam e se desvencilham desde o século XVIII, como demonstra Encarnación ao mencionar relatos romantizados da obra londrina *Diario del año de la peste* (1722) que “constitui um impressionante relato a partir de entrevistas a sobreviventes, dados e pesquisas reais da epidemia da peste que assolou Londres em 1665, aunando a exatidão e rigor informativo com o conseguido valor literário” (GARCÍA DE LEÓN). Outros autores defendem que é possível perceber, mais precisamente tal fusão, na segunda metade do século XIX, quando surgiu a imprensa moderna. Escritores valorizavam, aprimoravam seus trabalhos por meio da publicação de suplementos literários em folhetins de jornais daquela época. Grandes nomes da literatura como Gonçalves Dias e Machado de Assis encontraram abrigo, principalmente no começo da carreira, no jornalismo e, assim, temos vários outros exemplos de literatos também de outros países que passaram pelas redações dos meios de comunicação, como “Gabo”, já citado (LIMA, 2004).

Do outro lado da moeda sempre aconteceu de jornalistas se enveredarem pelos caminhos da literatura no decorrer da profissão. Mas, a discussão do limite, desse limite tênue, deve ir além da questão estilística. Lluís Albert Chillón, importante estudioso espanhol da relação jornalismo-literatura, dedicou boa parte de suas pesquisas para defender a relevância dos estudos mais profundos e criteriosos, com rigidez metodológica.

Chillón, de maneira muito crítica, propõe a fundação de uma nova disciplina – a Comparação Jornalístico-Literária (CJL) -, para estudar-se, de forma sistemática, as relações dos campos. Para Albert Chillón, os objetos de estudo do CJL são as relações e conexões, tanto diacrônicas como sincrônicas, entre a cultura jornalística e a cultura literária. Se tratando, pois, de uma comparação de caráter interlinguístico, na medida em que pesquisa os contatos entre dois tipos de atividade cultural baseados na linguagem verbal (CHILLÓN, 2001). Assim, podemos entender que a análise da proximidade do jornalismo e da literatura pode e deve contar com o apoio da linguagem que é a base das duas áreas.

Com a contribuição de Chillón, é possível ver o fazer jornalístico com a influência da literatura muito mais além de uma simples utilização por estilo, por dar beleza ao texto jornalístico, o autor esclarece:

Hipercodificada e estereotipada, trançada a base de estilemas expressivos y clichês ideológicos, a chamada redação jornalística proscree ao menos tanto como prescreve: contra ela cabe reivindicar uma escritura jornalística estética, ética e epistemologicamente consciente, cultivada a partir da convicção de que as palavras desempenham um papel crucial – e não meramente instrumental – na comunicação jornalística responsável. Ou seja, uma escritura jornalística que contradiga essa opinião infundada, mas muito difundida que vê na atenção apaixonada à linguagem e à expressão um mero hábito literário – onde literário significa verboso, ornamental, rebuscado e supérfluo. É no trato com as palavras, na verdade, onde se dá a batalha mais importante em prol de um jornalismo crítico, cívico e eticamente responsável (CHILLÓN, 2001, p. 45).

O que defende o autor é que o literário não deve ser um mero instrumento para a redação jornalística, que esse tipo de análise é extremamente superficial e que a linguagem que une as duas áreas leva a discussões que avançam a outros campos do conhecimento como a filosofia, a sociologia, a arte, a história. Chillón argumenta que a linguagem é a forma como o indivíduo experimenta o mundo, a realidade:

Conhecemos o mundo, sempre de modo tentativo, a medida que o designamos com palavras e o construímos sintaticamente em enunciados, é dizer, a medida que e na medida em que o empalavramos. Para além da percepção sensorial imediata do entorno ou do jogo interior com as sensações registradas na memória, o mundo adquire sentido somente na medida em que o traduzimos linguisticamente; de outro modo, só seria para nós uma desordem incoerente de sensações – táteis, olfativas, visuais, acústicas, gustativas – suscitadas pelo entorno mais imediato aqui e agora (CHILLÓN, 2001, p. 29).

Toda a fundamentação da linguagem como vinculação do jornalismo com a literatura é feito por Chillón a partir do que denomina o autor como o “Giro Linguístico”. No artigo *O “giro lingüístico” no jornalismo e sua incidência na comunicação jornalística*, Albert Chillón trabalha a linguagem como um conceito muito mais amplo que o meramente gramatical ou estilístico, ele olha a linguagem de maneira holística, filosófica:

A essência da linguagem é simbólica porque consiste em representar um elemento da realidade por outro, assim como ocorre com as metáforas. A ciência verifica uma crença comum a todos os poetas de todos os tempos: a linguagem é poesia em estado natural. Cada palavra ou grupo de palavras é uma metáfora. E assim mesmo é um instrumento mágico, isto é, algo suscetível de modificar-se em outra coisa e de transmutar aquilo que toca. A palavra é um símbolo que emite símbolos. O homem é homem graças à linguagem, graças à metáfora original que o fez ser outro e o separou do mundo natural. O homem é um ser que cria a si mesmo ao criar uma linguagem. Pela palavra, o homem é uma metáfora de si mesmo (CHILLÓN, 2001, p. 26).

Portanto, para Lluís Albert Chillón o giro linguístico dá a direção para os estudos da relação entre jornalismo e literatura, pois ambos são feitos da mesma base, a linguagem. Ademais, o autor enxerga muitas potencialidades de aportes dos estudos da comunicação jornalística:

Se olharmos bem, a comunicação jornalística pode estabelecer relevantes pontos de união entre aqueles saberes sociais e os saberes humanísticos. Assim, por exemplo, os aportes procedentes do “paradigma sociocomunicativo” são, com frequência, conjugáveis com outras provenientes da linguística textual, a pragmática, a filosofia da linguagem ou a retórica. Ao harmonizar enfoques e disciplinas aparentemente tão distintas, a comunicação jornalística pode jogar cartas genuinamente inovadoras, e até desenvolver perspectivas e métodos próprios enriquecedores para outros campos de reflexão e investigação (CHILLÓN, 2001, p. 27).

Exatamente nessa linha de pensamento de Chillón a respeito da linguagem e dos estudos do jornalismo literário está a pesquisadora Nanami Sato. Os estudos de Sato são em favor da luta por cursos de comunicação mais reflexivos e menos tecnicistas que acabam por formar, muitas vezes, profissionais apenas “prontos” para o mercado de trabalho e seu sistema de produção. Sato, em artigo do livro *Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra*, traz a citação de um mestre da literatura brasileira, Guimarães Rosa: “O real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para nós em meio à travessia” (CASTRO, 2005).

A postura adotada por Sato é a de que a realidade é sempre uma construção, um processo. Ela argumenta que a realidade é mutável e está em constante mutação, carrega o princípio da sua própria contradição, desencadeando a transformação constante da história. A linguagem, ao tentar representar o real, funciona como mediadora da relação dialética entre sujeito e o mundo real em contínua mudança (CASTRO, 2005). Em toda sua teoria, Nanami Sato, trabalha muito a questão do mundo que é representado pelo profissional em jornalismo e a postura da autora é reconhecidamente crítica:

Apesar da vocação para o “real”, o relato jornalístico sempre tem contornos ficcionais: ao causar a impressão de que o acontecimento está se desenvolvendo no momento da leitura, valoriza-se o instante em que se vive, criando a aparência do acontecer em curso, ou seja, uma ficção (CASTRO, 2005, p.31).

Sato defende o protagonismo do jornalista, a participação verdadeira do repórter que, com sua presença no fato noticioso, contribui decisivamente para a construção do discurso jornalístico. O jornalista funciona, então, como um filtro que seleciona, a partir do que vê, o que quer contar da história.

O jornalista ou o fotógrafo sente a necessidade de escolher ou limitar uma imagem ou acontecimento que seja significativo, que não valem por si mesmos, mas que também sejam capazes de atuar no espectador ou no leitor como uma espécie de abertura, de fermento que projete a inteligência e a sensibilidade em direção a algo que vai muito mais além do argumento visual ou literário contido na foto ou em um conto (CASTRO, 2005, p.43).

Essa participação decisiva do receptor na mensagem completando a linguagem, dando significação, é um ponto também trabalhado por Albert Chillón em seu amplo entendimento de linguagem. O pesquisador catalão explica que “ao decodificar, o receptor colabora decisivamente na criação do significado final, pois aplica aos signos que recebe suas próprias expectativas, hábitos e crenças, conforme uma série de condições derivadas do contexto, do contexto e da circunstância em que se produz o ato de comunicação” (CHILLÓN, 2001). E falando propriamente da representação da realidade, encontramos em Chillón que:

Na realidade existe uma íntima sintonia entre a representação e o representado, a forma e o fundo, o estilo e o conteúdo. Não é que, dada certa realidade objetiva, haja diversas maneiras e estilos de referi-la, senão que cada maneira e estilo suscita e constrói sua própria realidade representada (CHILLÓN, 2001).

Tratando o protagonismo do jornalista, assim como Sato, o espanhol acredita que a profissão deve ser encarada como um ofício intelectual cuja essência interpretativa faz inevitável a integração dialética da cultura e a capacidade de discernimento crítico, por um lado, e das habilidades expressivas e técnicas, por outro (CHILLÓN, 2001).

## **1.1 - Da notícia ao livro-reportagem**

Se recorrermos à história percebemos que, com o objetivo de conseguir uma narrativa que melhor se aproximasse e demonstrasse a realidade, o jornalismo utilizou a literatura à medida que houve a evolução da notícia para a reportagem. Assim, foi se adotando a reportagem, um estilo menos rígido que a notícia, pois ela pode variar de acordo com o veículo, com o público, com o assunto. Para Nelson Lage, a reportagem abre margem, não só para se dispor as informações por ordem decrescente de importância, mas, também, narrar a história, como um conto ou fragmento de romance (LAGE, 2003).

Em conformidade com essa evolução do modo de reproduzir, com o relato jornalístico e os fatos sociais, Lima argumenta que:

há temas que requerem abordagem mais ampla, o jornalismo desenvolveu, ao longo do tempo, uma forma de mensagem mais rica, cujo teor procura redimensionar a realidade sob um horizonte de perspectivas onde não raro existem várias dimensões dessa mesma realidade. Essa forma é a reportagem, que nos casos mais felizes oferece, em torno do núcleo frio que marca a face árida de um acontecimento, todo um contexto embelezado pela dimensão humana, pela tradução viva do ambiente onde ocorrem os fatos, pela explicação de suas causas, pela indicação dos rumos que poderá tomar (LIMA, 1998, p. 10).

Essa busca da profundidade na narrativa jornalística que propicia o maior entendimento do ocorrido a partir da ampliação dos fatos, das variadas dimensões da realidade é que proporcionou ao jornalismo chegar até a reportagem. Deve-se recobrar, portanto, que a influência da literatura sobre o jornalismo não está somente presente na escrita, no aspecto estilístico, mas ressaltar também que ela acontece no plano da captação, da observação do real. Isso vem de uma corrente literária chamada realismo social. O jornalismo incorpora dela técnicas para recolher dados das pessoas no espaço social, um legado muito relevante para a renovação da narrativa em profundidade (LIMA 2004).

Nesse contexto de transformação, os jornais e revistas abrem espaço para a grande-reportagem onde há um esforço do repórter em costurar uma ligação entre os fatos de modo a



revelar ao leitor o sentido e o rumo dos acontecimentos. Kotscho (2004) fala da grande-reportagem como uma matéria mais extensa, que procura explorar um assunto a fundo, cercando todos os seus ângulos. Para o autor “a grande-reportagem rompe todos os organogramas, todas as regras sagradas da burocracia – e, por isso mesmo, é o mais fascinante reduto do jornalismo, aquele em que sobrevive o espírito de aventura, de romantismo, de entrega, de amor pelo ofício” (KOTSCHO, 2004).

Mas com a pressão em ter que escrever uma matéria em 40 minutos para respeitar o horário de fechamento da edição do jornal (famoso deadline), com a cobrança do chefe por um produto de qualidade, ambos os fatores oriundos do acelerado processo de produção do jornalismo, tem levado as grandes reportagens a desaparecer dos periódicos. Além de custarem muito caro na fase de produção, estas matérias ocupam muito espaço, um espaço redacional cada vez mais rarefeito em todos os grandes jornais (KOTSCHO, 2004).

É nessa lacuna deixada pelas publicações periódicas que surge espaço para a reportagem em forma de livro. O livro-reportagem é um veículo de comunicação jornalístico que desempenha um papel específico, de prestar informação ampliada sobre os fatos, situações e ideias de relevância social. Ele abarca uma variedade temática expressiva, exercendo, assim, função recicladora da prática jornalística, porque ousa incorporar contribuições conceituais e técnicas provenientes de áreas como a literatura e a história, por exemplo.

Deste modo, o jornalismo voltado para o efêmero transcende-se no livro-reportagem, quando este leva em conta o tempo histórico para compreender o presente, resgatando do passado suas raízes mais importantes, escondidas. Ocorre, com o livro-reportagem, o rompimento com dois grandes “carrascos” conceituais nas redações convencionais: a atualidade e a periodicidade (LIMA, 2004). Pena (2006) defende que o jornalismo literário, que encontra espaço no livro-reportagem, tem a capacidade de:

potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embrulhar o peixe na feira (PENA, 2006, pag. 6).

Além da atualidade e da periodicidade, o que diferencia o livro-reportagem de outras publicações classificadas como livro? Segundo Lima (2004) ele se distingue a partir de três pilares: o conteúdo, o tratamento e a função. Em relação ao conteúdo, por ser de cunho

jornalístico, deve ter veracidade e verossimilhança ao tratar de um fato real. Na questão do tratamento é importante a utilização dos recursos gráficos, como charges e ilustrações, não se limitando a comunicação linguística (linguagem, montagem e edição do texto) e observando as características jornalísticas. Já no que diz respeito à função, há metas diversas para o livro-reportagem, dentre elas, informar, orientar, explicar.

Para situar esse projeto experimental é utilizado ainda outra diferenciação de livros-reportagem, que Lima (2004) define-os em detrimento ao objetivo e à natureza da obra. Ele os classifica em grupos diferentes: livro-reportagem - depoimento, livro-reportagem - retrato, livro-reportagem - ciência, livro-reportagem - antologia, livro-reportagem - ambiente, livro-reportagem - história, livro-reportagem - nova consciência, livro-reportagem - instantâneo, livro-reportagem – perfil, livro-reportagem - atualidade, livro-reportagem - denúncia, livro-reportagem - ensaio, livro-reportagem - viagem.

Diante da variedade de tipos de livros-reportagem apresentada por Edvaldo Pereira Lima, o trabalho de conclusão de curso Seara: Carnaval que cultiva vidas se enquadra no tipo “livro-reportagem – história”. Esse tipo de classificação focaliza um tema do passado recente ou algo mais distante no tempo para entender, para conectar com o presente e, assim possibilitar um elo comum com o leitor atual (LIMA, 2004). Um mergulho na história e nas histórias dos quase 30 anos do encontro aberto de Carnaval de Viçosa, o Seara, para documentar, jornalisticamente, em forma de livro, as perspectivas do evento que é um dos pioneiros da Renovação Carismática Católica de Minas Gerais e do Brasil.

Muito tradicional para Igreja Católica viçosense como um todo, dado o envolvimento de variados grupos religiosos e da população do município no evento, o Seara funciona como vitrine da própria Universidade Federal de Viçosa, local que recebe o encontro. Durante os quatro dias de realização, a UFV já recebeu, em 27 anos, a visita de aproximadamente 200 mil pessoas (considerando o número de participantes divulgado no principal periódico viçosense, o Jornal Folha da Mata, entre os anos de 1989 e 2015) de várias regiões do estado, do país e do mundo.

Entre chamadas de capa, pequenas notas e até reportagens de página inteira, o Folha da Mata veiculou mais de 150 notícias a respeito do Seara. Uma pequena nota em fevereiro de 1988 sobre o Rebanhinho inaugurou o registro do jornal que teve o Seara como manchete principal de capa em seis edições. Entretanto, a produção de um livro se configura como um

exercício de aprofundar, de dar uma sobrevida ao tema, de evitar a perda de memórias de uma história que precisa ser contada.

O professor e escritor Denis Duarte, em 2005, ao participar da equipe de pregação do Seara, escreveu o livro “Se Creres, Verás a Glória de Deus”. Na obra, Denis compila suas anotações da vivência na preparação da equipe no encontro desse ano de 2005. Entretanto, o pioneirismo do projeto experimental *Seara: Carnaval que cultiva vidas* se dá, entre outros fatores, pela amplitude temporal, que busca abarcar o tema desde seus precedentes na década de 1980.

A opção por um livro-reportagem proporciona a oportunidade de envolvimento do repórter em todos os processos de construção do relato desse formato jornalístico. A liberdade de escrita, já que o livro-reportagem está situado no limiar do campo da comunicação com a literatura, abre a possibilidade para um jornalismo mais criativo, interpretativo, onde o repórter passa também por uma maior imersão no fato. Outro fator interessante é a questão da duração do trabalho, pois se faz necessário um longo período de pesquisa, de busca por histórias interessantes, de atenção redobrada para “sacar” um detalhe no momento do contato, da emoção de desvendar o entrevistado, enfim, de poder ter essa relação repórter-fonte mais próxima e “saboreada”.

## **2. - Metodologia**

Para registrar a história do Seara em um livro-reportagem a principal forma de coleta de informações aconteceu por meio de entrevistas em profundidade com as pessoas que fizeram e fazem parte do encontro. Portanto, a opção por essa metodologia, como explica Duarte (2006), busca explorar qualitativamente a temática a fim de captar as percepções e experiências de informantes para analisá-las de forma estruturada. Dentre as vantagens dessa abordagem, pode-se ressaltar que as repostas do entrevistado são mais flexíveis e as perguntas do repórter são livremente ajustadas e reajustadas dependendo do desenrolar da entrevista.

O autor destrincha também a relevância das perguntas no processo de descobertas. Para ele:

as perguntas permitem explorar um assunto ou aprofundá-lo, descrever processos e fluxos, compreender o passado, analisar, discutir e fazer perspectivas. Possibilitam ainda identificar problemas, microinterações padrões e detalhes, obter juízos de valor e interpretações, caracterizar a

riqueza de um tema e explicar fenômenos de abrangência limitada (DUARTE, 2006, p. 63).

Os entrevistados são tanto as fontes que já trabalharam do início do Seara e os servos dos dias atuais, e as fontes que vão para participar do evento. A escolha das fontes oficiais aconteceu a partir de uma pesquisa prévia em registros documentais do encontro de Carnaval, assim, lideranças da Renovação Carismática Católica, pioneiros, coordenadores gerais, padres, pregadores, pró-reitores da UFV (que disponibilizam o espaço da universidade para o evento) foram procurados. Nesses casos as entrevistas de profundidade foram, em sua maioria, de tipologia semiaberta, ou seja, possui certa estrutura, um roteiro de perguntas para o controle do repórter, mas não impedem a flexibilidade e liberdade do entrevistado por serem, tais questões, as mais abertas possíveis e pela probabilidade de alterações e adaptações desse roteiro no decorrer da entrevista (DUARTE, 2006).

A utilização de a entrevista do tipo aberta se deu no contato com as fontes anônimas. Esse modelo não estruturado objetiva dar liberdade para a manifestação da espontaneidade do discurso dos entrevistados, o aparecimento da percepção, da experiência pessoal de cada um. A escolha dessas fontes acontece de forma mais livre durante os dias do evento procurando pessoas que participaram por muitos anos seguidos, outras que se deslocam de longas distâncias, ou que estejam em seu primeiro Seara.

Todas as 49 entrevistas em profundidade, abertas e semi-abertas, foram gravadas em áudio. Outro conceito importante que valida essa opção metodológica é o da História Oral, um caminho metodológico capaz de dar voz aos sujeitos, protagonistas ou testemunhas de acontecimentos, e que possibilita a reconstrução da história por meio dos relatos individuais ou coletivos (FERREIRA, 2006).

De acordo com Portelli (1997), a História Oral está intimamente ligada a processos culturais, sociais e históricos, que são problematizados através do diálogo com as experiências dos sujeitos, narrativas repletas de significações apropriadas no decorrer da vida. Dessa forma, as narrativas geradas são representações de sujeitos ou grupos, contendo lembranças e esquecimentos de um tempo passado, que são ressignificados no momento da entrevista. Como resultado, são produzidas as fontes orais, é dizer, narrativas que, formuladas intencionalmente, passam a ser analisadas, contextualizadas, interrogadas, criticadas. (ALBERTI, 2005).

A partir dos relatos de diferentes fontes orais o jornalista passa ao processo de verificação das informações, um dos grandes desafios da produção, pois lida constantemente com um problema: a diversidade de versões. Para melhor exemplificar, utilizo do tema Rebanhinho que, ao ser tratado nas entrevistas, apareceram alguns conflitos de informações. Personagens que estavam envolvidos na preparação do evento e um dos jornais de Viçosa, o Folha da Mata, relatam a presença de 300 a 500 participantes naquele ano de 1988. Entretanto, fontes que tiveram suas vidas marcadas pela experiência deste encontro afirmam, com convicção, que aproximadamente 1000 pessoas estavam no Rebanhinho.

Surge, então, a pergunta: qual é a verdade? Não existe verdade, senão verdades. Contar uma história passa pela percepção do entrevistado, suas emoções e motivações influem fortemente na forma como irá relatar um fato. Mais importante que a busca pela precisão numérica é, portanto, a sensibilidade do repórter para enxergar o contexto que envolve a narrativa do personagem.

Nesse contato intenso com os entrevistados e com o objeto de estudo - o Seara - aparece outro desafio, o da proximidade. Fazer parte da RCC de Viçosa e do próprio Seara é, ao mesmo tempo, positivo e negativo. Conhecer bem o tema me proporcionou facilidade de chegar até personagens que considerava fundamentais, contribuiu também para estruturar perguntas mais profundas nas entrevistas. Mas, me obrigou a ser atento para que o conhecimento prévio não limitasse o surgimento de novas angulações, fontes e questionamentos. Ser próximo pode diminuir a possibilidade de ver o todo e saber o melhor caminho para desenvolver uma pesquisa.

Para melhor se entender o processo de construção do livro-reportagem seguem abaixo as fases de sua produção.

## **2.1 - Pré-produção**

Nessa primeira etapa, os esforços se concentraram em leitura de/sobre livros-reportagem, pesquisa de registros em jornais e outros documentos sobre o Seara e no levantamento de fontes para as entrevistas. Foi feito, ainda em 2013, um esboço da estruturação geral do livro-reportagem: uma ideia sobre como seriam os capítulos, a estrutura da narrativa, o número de páginas, a possibilidade do uso de imagens, enfim, uma espécie de plano de trabalho. Todo o processo sob orientação do professor responsável, em encontros

quinzenais que foram interrompidos em decorrência de um intercâmbio acadêmico no ano de 2014.

De volta ao país, foi realizado um esforço de retomar as leituras e, juntamente ao orientador, reestruturar o trabalho.

## **2.2 - Produção**

Na produção foram feitos os contatos com as fontes, o planejamento e execução das entrevistas e a decupagem (termo jornalístico para transcrição) das mesmas. Boa parte das entrevistas foram realizadas durante os Seara de 2013 e 2015. Em outros espaços aconteceram entrevistas pontuais a personagens-chave que não vivem mais em Viçosa e, concomitantemente a isso, deu-se a etapa de escrita do livro e de busca por mais entrevistas por situação de lacunas de informação.

Reuniões semanais de orientação junto ao professor responsável respaldaram o desenvolvimento destas atividades durante os meses de março, abril, maio e junho.

## **2.3 - Pós-produção**

Após as observações dos professores da banca e realizadas as mudanças e acréscimos sugeridos, a proposta é chegar a um produto final que alcance as pessoas que participam do Seara e que também fique como registro para a RCC de Viçosa.

Com o livro redigido há então a necessidade de passá-lo a uma revisão gramatical. Nesse momento também é realizada a arte final - diagramação da capa e da obra como um todo (ilustrações, inícios de capítulo), além da definição do formato do livro. Concluídos esses trabalhos será encaminhado o livro-reportagem para uma apreciação final do orientador e de algumas pessoas (membros pioneiros da RCC-Viçosa) a fim de identificar possíveis falhas e, finalmente, é enviado para a impressão na gráfica.

### Quadro de entrevistas:

	<b>Personagem / Entrevistado</b>	<b>Duração (Hora: minutos: segundos)</b>	<b>Tipo de Entrevista</b>
<b>1</b>	Adão Lopes e Maria Duarte	01:52:22	Semiaberta
<b>2</b>	Alessandra Vieira de Almeida	22:04	Semiaberta
<b>3</b>	Ana Maria Lemos	05:04	Semiaberta
<b>4</b>	Camilo de Lelis Oliveira S. Ribeiro	01:47:38	Aberta
<b>5</b>	Chárbel Gibrim	01:05:09	Semiaberta
<b>6</b>	Cidinha “Barroco”	01:00:17	Semiaberta
<b>7</b>	Cônego José Geraldo V. de Carvalho	50:20	Semiaberta
<b>8</b>	Cristiano Costa Coelho	04:49	Semiaberta
<b>9</b>	Zita Maria Rocha Coutinho	39:45	Semiaberta
<b>10</b>	Dado Moura (Canção Nova)	13:10	Aberta
<b>11</b>	Denilse Menezes Lopes	53:41	Semiaberta
<b>12</b>	Denis Duarte	34:10	Semiaberta
<b>13</b>	Dom Geraldo Lyrio Rocha	02:39	Semiaberta
<b>14</b>	Douglas Fernando Balbino	15:11	Semiaberta
<b>15</b>	Eduardo de Paula Macedo	23:24	Semiaberta
<b>16</b>	Eliane José Ferrão	38:03	Semiaberta
<b>17</b>	Eulália de Lima Gomes	06:50	Semiaberta
<b>18</b>	Eva Lopes Gonçalves	24:14	Semiaberta
<b>19</b>	Família da Liliana (Muriaé)	14:21	Aberta
<b>20</b>	Fernanda Fontes	04:23	Aberta
<b>21</b>	Frade Franciscano	04:33	Aberta
<b>22</b>	Frei Rogério de Souza	06:56	Aberta
<b>23</b>	Guilherme Pereira Almeida	02:06	Semiaberta

<b>24</b>	Gumercindo Souza Lima e Regina	42:24	Semiaberta
<b>25</b>	Irmã Zélia	17:09	Aberta
<b>26</b>	Ivna Sá dos Santos	40:17	Semiaberta
<b>27</b>	Janice Cardoso	01:37:15	Semiaberta
<b>28</b>	Joel Rivelli	01:07:30	Semiaberta
<b>29</b>	Julia Veras	03:40	Semiaberta
<b>30</b>	Kesner Jr. Martins Cândido	47:49	Semiaberta
<b>31</b>	Leandra Karla Bernardo	08:48	Aberta
<b>32</b>	Leandro Antunes Tavares Florêncio	24:34	Aberta
<b>33</b>	Luciene (Molevade-MG)	13:27	Aberta
<b>34</b>	Márcio Costa	38:14	Semiaberta
<b>35</b>	Meirice	38:02	Aberta
<b>36</b>	Fernando Galvani (Mococa)	47:27	Semiaberta
<b>37</b>	Paloma Apolônio Rocha	13:34	Aberta
<b>38</b>	Padre Alex	05:53	Semiaberta
<b>39</b>	Padre Luiz Antônio	15:23	Semiaberta
<b>40</b>	Renan de Almeida Costa	08:11	Aberta
<b>41</b>	Rodrigo Lopes Lelles	30:57	Semiaberta
<b>42</b>	Rogério Rosa	20:22	Aberta
<b>43</b>	Rosa Maria	06:51	Aberta
<b>44</b>	Sânzio e Samara Arcanjo	25:47	Semiaberta
<b>45</b>	Senhorinha da PUC	44:16	Aberta
<b>46</b>	Sergio Antônio dos Santos	15:42	Semiaberta
<b>47</b>	Tatiana Fernandes e Guilherme Passos	04:07	Semiaberta
<b>48</b>	Thalyta Cássia Freitas Martins	09:41	Aberta
<b>49</b>	Wellington e Marlon (Palavra Viva)	10:32	Aberta



### **3 - Considerações Finais**

Ter a oportunidade de imergir na história e nas histórias de um evento da magnitude do Seara me deu a oportunidade de crescer tanto pessoalmente como profissionalmente. Experimentar, frente a frente, os testemunhos das pessoas que abriram suas vidas, me mostrou que não existe coisa mais deliciosa nesse mundo do que sentir o outro, encontrar-se com o profundo do outro. Esse trabalho de conclusão de curso reiterou em mim e enriqueceu de sentido a resposta que repetidamente dou à pergunta:

- Por que Jornalismo, Raynan?
- Porque gosto de gente!

Percebi que o papel do jornalista literário, mais do que em qualquer outra plataforma, não é buscar as verdades contidas nas falas dos entrevistados, mas entendê-las como representações, construções, uma das possibilidades para compreender o objeto no seu contexto. Nesse intenso processo de produção da obra ele vai entrelaçando os dados colhidos das fontes e, assim, compondo o quebra-cabeça. Dos muitos desafios do processo de “parto” do livro-reportagem, articular e propor um diálogo entre as informações das fontes orais e escritas, percebendo suas diferenças e conexões é a chave do trabalho.

O literário. Como é difícil transpor ao textual toda uma realidade que se dá na oralidade. O texto poético pede muito mais zelo e dedicação e, para quem é habituado a escrever com objetividade jornalística durante os anos de graduação, sinto que, apesar do esforço, ainda falta muito para colocar no papel as histórias que ouvi e apurei.

O saldo, porém, é muito positivo. Ouvir, pesquisar, apurar, questionar, escrever, apagar, escrever e escrever mais um pouco (ênfatisa, o orientador). Desenvolver uma mesma atividade por todo um semestre gera entre outros tantos aprendizados, um mais importante: a perseverança.

Na Renovação Carismática tem-se o costume de falar que “a partilha edifica a comunidade”. A expectativa é que essa obra contribua de fato para que a história do Seara não se perca, que as pessoas que passaram e deixaram um pouco delas para que o evento acontecesse se sintam representadas e tocadas.

## Referências Bibliográficas

ALBERTI, Verena. **Fontes orais: histórias dentro da história.** In: PINSKY, Carla Bassanezi. Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2005.

CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (Orgs.). **Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra.** 2ª Edição. Escrituras Editora: São Paulo, 2005.

CHILLÓN, Lluís Albert. **Periodismo y Literatura: una propuesta para la fundación del comparatismo Periodístico-Literario.**

\_\_\_\_\_ **El “giro lingüístico” en periodismo y su incidencia en la comunicación periodística.** Cuaderno de Información N°14/2001.

DUARTE, Denis. **Se creres, verás a glória de Deus.** Projeto Canaã: Viçosa, 2005.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** Atlas: São Paulo, 2006.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. Apresentação. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos & abusos da história oral.** 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

GARCIA DE LEÓN, Encarnación. **Literatura Periodística o Periodismo Literario.** Albacete, Actas XIII Congreso AIH.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem.** Editora Ática: São Paulo, 2004.

LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia.** Editora Ática: São Paulo, 2003.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura.** 3ª Edição. Editora Manole: São Paulo, 2004.

\_\_\_\_\_ **O que é livro-reportagem.** 2ª Edição. Brasiliense: São Paulo, 1998.

PENA, Felipe. O jornalismo literário como gênero e conceito. **Felipe Pena.** Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1506-1.pdf> >. Acessado em 02 jun. 2015.

PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral.** Revista Projeto História, São Paulo, n. 15, p. 13-49, abr. 1997.

RENOVAÇÃO CARISMÁTICA. Seara 25 anos: nossa história. **Seara.** Disponível em: <<http://www.searavicoso.com/#!/services/cewq>>. Acessado em 06 jun. 2015.